

# Quaderna, a mestiçaria brasileira encarnada

**Tereza Pereira do Carmo**  
Universidade Federal da Bahia/UFBA

## RESUMO

Propomos neste trabalho analisar a fusão literária na *Pedra do Reino e o príncipe do Sangue do vai-e-volta* de Ariano Suassuna tendo como ponto de referência os recursos próprios da poética clássica utilizados pelo autor. Tratamos igualmente da ficção como meio seguro para se viver aventuras e construir um reino encantado e a composição da obra a partir da mistura que dá origem a Quaderna, o protagonista de Suassuna. Ao analisarmos as metamorfoses da personagem Quaderna, percebemos a influência de obras do passado e uma proposta criativa para a fundação de um reino. Como *aedo*, Quaderna apresenta o fim trágico de sua família e cria mitos e heróis na construção de seu Reino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Suassuna. Quaderna. mestiçaria.

## RESUMEN

Proponemos en este trabajo analizar la fusión literaria en la obra *Pedra do Reino e o príncipe do Sangue do vai-e-volta* de Ariano Suassuna, valiéndonos de los recursos propios de la poética clásica utilizados por el autor. Tratamos igualmente de la ficción como estrategia eficaz para presentar las vivencias de aventuras y construir un reino encantado y la composición de la obra a partir de la mezcla que da origen al Quaderna, el protagonista de Suassuna. Tras analizarlos las metamorfosis del personaje Quaderna, percibimos la influencia de las obras del pasado y una propuesta creativa para la fundación de un reino. Como *aedo*, Quaderna presenta el fin trágico de su familia y crea mitos y héroes en la construcción de su reino.

**PALABRAS-CLAVE:** Suassuna. Quaderna. *mestiçaria*.

## Introdução

A *Pedra do Reino* parece concentrar a ascendência literária de Suassuna, que apresenta um narrador, Quaderna, caracterizado por uma cegueira intermitente. Suassuna joga com os clássicos de forma dinâmica em sua obra. Quaderna trava um colóquio com múltiplos teóricos e autores, investido no formato de idealizador de uma obra, cujo propósito seria superar todos os seus precursores, sendo capaz de proporcionar-lhe o título de “Gênio da Raça”. Na trajetória teórica abalizada por ele, estão presentes o

épico, a poesia dramática trágica e o trágico. Quaderna tem orgulho de pertencer à família real Sertaneja da Pedra do Reino como é apresentado na história dos cinco Impérios; sendo ele o descendente e herdeiro do trono do Quinto Império, apresenta os brasões e bandeiras da família real.

Quaderna explica seu profundo conhecimento a respeito das bandeiras e brasões, presentes na obra através das suas palavras e das xilogravuras de seu irmão Taparica, nos seguintes termos:

Para que Vossas Excelências não estranhem que eu seja tão entendido em Onça e bandeira, explico, primeiro, que sou membro do nosso querido e tradicional “Instituto Genealógico e Histórico do Sertão do Cariri”, fundado pelo Doutor Pedro Gouveia, e no qual, para se entrar, a gente tem que fazer um curso completo de bandeiras, brasões e outras coisas armoriais (SUASSUNA, 1972, p. 12).

Assim, o curso feito por Quaderna revela a importância das bandeiras, brasões e suas cores presentes na heráldica. No período medieval, as famílias nobres eram identificadas pelo seu brasão; hoje, a presença de bandeiras e brasões se manifesta nas festas populares tradicionais espalhadas por todo Brasil, da folia de Reis aos Congados, incluindo a festa do Divino. Fora do âmbito religioso, elas se atualizam a cada dia nas Escolas de Samba, nos times de futebol e blocos carnavalescos, compondo uma tradição que se atualiza também através da literatura. A literatura figura assim como uma forma de manter a tradição e a história, ainda que essa história esteja mesclada com a mentira, com a ficção.

## 1. A Mestiçaria

Devido ao fim trágico de seus antepassados, Quaderna opta por ser um rei de coroa e báculo com um final feliz e opta por fundar um novo reino, não mais um reino baseado no mito da volta de Dom Sebastião e na recuperação do paraíso perdido, mas um Reino Literário. É a partir do depoimento que Quaderna, aos poucos, vai revelando ao Corregedor suas preferências e filiações literárias.

Durante a tarde do interrogatório, Quaderna explica como suas preferências literárias influenciaram na construção da Obra Máxima da Humanidade, aquela que ele pretende escrever a partir das anotações que Dona Margarida faz de seu depoimento. Muito de seu conhecimento literário, o bibliotecário de Taparica aprendeu com Samuel e Clemente, seus professores. Outra influência se mostra no *Folheto XII*, intitulado *No Reino da Poesia*, quando se vê que sua formação é oriunda igualmente da leitura de poesia, de folhetos e de romances apresentados pela sua tia Filipa, seu padrinho João Melchiades, dona Maria Galdina e ainda pela velha do Badalo. As duas mulheres, espécie de Mnemosine hesiódica mãe das Musas, são importantes por utilizarem da memória para cantar os antigos romances que estavam esquecidos e, apesar de as mulheres não estarem no centro da vida social e cultural de um sertanejo, são elas que repassam um certo tipo de saber, afinal elas são contadoras de histórias. Tia Filipa é destaque, porque além de contadora de história ela é poderosa e corajosa, além disso, é ela quem cria Quaderna após a morte da mãe dele, ela o levava às feiras dos sábados, ela ensinou-o a Cantiga *de La Condessa* abrindo-lhe um mundo de princesas e cavaleiros sertanejos.

O contato com João Melchiades vai se estreitando a ponto de Quaderna ser um dos escolhidos pelo cantador para frequentar sua Escola de Cantoria, na qual seu padrinho procurava ensinar “a Arte, a memória e o estro da Poesia” (SUASSUNA, 1972, p. 55). Lá, Quaderna aprende a existência de dois modelos de romance, “o ‘versado e rimado’, ou em *poesia*, ou o ‘desversado e desrimado’ ou em *prosa*” (SUASSUNA, 1972, p. 56), e os sete tipos de romances: amor; safadeza e putaria; cangaceiros e cavaleiros; exemplo; espertezas, estradeirices e quengadas; jornaleiros e os de profecia e assombração. A prefe-

rência de Quaderna era pelos romances versados por serem mais fáceis de decorar e porque podiam ser acompanhados com o baião da viola (e nisso ele se aproxima da epopeia antiga) e, dentre os versados, os romances de safadeza e putarias.

A poesia firma-se para Quaderna com importância categórica, pois é a única coisa que podia torná-lo rei sem que a sua existência corresse risco. Intrigado com os versos do *Desafio de Francisco Romano com Inácio da Catingueira*, cantados por sua tia Filipa e dona Maria Galdina, Quaderna procura pelo seu professor para saber a respeito do Castelo dos cantadores. João Melchíades revela ao bibliotecário de Taparica que os cantadores construía seus castelos com palavras e a golpes de versos, “uns lugares pedregosos, belos, inacessíveis, amuralhados, onde os donos se isolavam orgulhosamente, coroando-se Reis” (SUASSUNA, 1972, p. 68). A revelação de João Melchíades deixa Quaderna extasiado, pois através do Castelo Literário ele poderia reinstalar os Quadernas no Trono do Brasil sem o risco de ser degolado como seus antepassados.

Rei-poeta-cantador-charadista, Quaderna pretende erguer o seu Castelo Literário na pedra do verso e como fabricante de versos ele poderia se apropriar do que os outros tinham escrito sem o risco do plágio, já que “Esse negócio de plágio pode valer para os outros, para nós, Cantadores, não!” (SUASSUNA, 1972, p. 71), segundo o que lhe indica Lino Pedra-Verde, cantador profissional e colega de Quaderna na escola de cantadores de João Melchíades, da fazenda Onça Malhada. Acordado isso, Quaderna revela o projeto de erguer o seu Reino Literário com seu castelo poético bem no meio do sertão. O seu Reino Literário seria:

[...] poderoso e sertanejo, um Marco, uma Obra cheia de estradas empoeiradas, catingas e tabuleiros espinhosos, serras e serrotes pedreguentos, cruzada por Vaqueiros e Cangaceiros, que disputavam belas mulheres, montados a cavalo e vestidos de armaduras de couro. Um Reino varrido a cada instante pelo sopro sangrento do infortúnio, dos amores desventurados, poéticos e sensuais, e, ao mesmo tempo, pelo riso violento e desembandado, pelo pipocar dos rifles estralando guerras, vinditas e emboscadas, ao tropel dos cascos de cavalo, tudo isso batido pelas duas ventanias guerreiras do Sertão: o cariri, vento frio e áspero das noites de serra, e o espinhara, o vento queimoso e abrasador das tardes incendiadas. Nas serras, nas catingas e nas estradas, apareceriam as partes cangaceiras e bandeirosas da história, guardando-se as partes de galhofa e estradeirice para os pátios, cozinhas e veredas, e as partes de amor e safadeza para os quartos e camarinhas do Castelo, que era o Marco central do Reino inteiro (SUASSUNA, 1972, p. 75).

Arquitetado o projeto Literário, Quaderna escolhe o gênero, tendo em vista que a epopeia, escolha inicial, tinha sido, segundo Carlos Dias Fernandes, substituída pelo romance, e o “Romance conciliava tudo” (SUASSUNA, 1972, p. 147): a fusão da diversidade propiciada pelo gênero romance é a melhor alternativa para a construção do Castelo Literário. O romance permite a Quaderna, tal qual Petrónio no seu *Satyricon*, entremear sua narrativa em prosa com versos seus e de poetas brasileiros, além de escolher o “estilo régio”, o que lhe dá liberdade para recriar, criticar, inventar. O bibliotecário quer impressionar o Corregedor. O estilo régio de Quaderna compreende uma fusão engenhosa e misturada: “o estilo rapão-ranhoso de cristais e joias hermético-esmeráldicas da Direita” de Samuel, com “o estilo raso-circundante, raposo e afoscado da Esquerda”. Da fusão desses dois estilos, renasce uma criação conciliatória: “o estilo genial, ou régio, o estilo raposo-esmeráldico e real-hermético dos Monarquistas da Esquerda” (SUASSUNA 1972, p. 295).

Samuel e Clemente são os tutores intelectuais de Quaderna. Os dois possuem título acadêmico (o que Quaderna não possui) e aceitam-no em seu meio. Com eles, Quaderna cria a *Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba* e discute sobre suas preferências literárias. As discussões literárias, chamadas de “sessões acadêmicas” eram de três tipos: as sessões de gabinete destinavam a discutir “Literatura Fidalga, fechada, pura, individual, poética e sonhosa”, hipotetizada por Samuel; as sessões a pé

tinham por objetivo desembaraçar “do mofo da Literatura burguesa decadente, ligando-nos à realidade, à análise e à crítica dos males sociais”, postulada por Clemente; e por fim, as chamadas sessões a cavalo, ou em outros termos, literatura em movimento, sugeridas por Quaderna. Essas sessões estariam destinadas a discutir as Literaturas que foram divididas em três categorias: “viagens filosóficas”, requeridas por Clemente; “demandas mítico-poéticas”, almejadas por Samuel; e as “demandas novelosas”, reunidas por Quaderna (SUASSUNA, 1972, p. 137). Os mestres de Quaderna aproveitam e, na sessão a cavalo proposta por Quaderna, se manifestam e discutem as categorias de seus interesses. Vê-se assim uma categorização dinâmica.

Antes de optar pelo romance, Quaderna já buscava conciliar tendências: a indagação etnológica, sociológica, histórica e filosófica sugerida por Clemente com as de caráter meio ritual e meio armorial de sagração poética e consumação mística propostas por Samuel. A demanda novelosa de Quaderna resultaria em “romances interessantes, com heroísmos, safadezas, batalhas, castelos amorosos e perigosos, amores legendários, gargalhadas, putarias e outras coisas divertidas e boas de ler.” (SUASSUNA, 1972, p. 137). Atropofagicamente, Quaderna devora todos os gêneros, pois estava possuído pela Literatura, como afirma para o Corregedor, e pretende unir de forma inédita a Literatura de beira de estrada com a Literatura fidalga:

(...) meu sonho de ser o Gênio da Raça Brasileira me tornava de tal modo possesso da Literatura, que, a despeito de toda a minha desgraça, aquelas conversas estavam já, começando a incendiar minha cabeça. Meu objetivo secreto era erguer, eu mesmo, o meu Castelo, conciliando aquelas opiniões, irredutivelmente contrárias e incompletas, de Samuel e Clemente. Eu escrevia uma Obra em prosa, como queria Clemente. Mas essa Obra em prosa seria animada pelo fogo subterrâneo da Poesia e pelo galope do Sonho, como queria Samuel. Seria escrita por um Poeta de sangue, de ciência e de planeta, toda entremeadada de versos e nela se uniriam, pela primeira vez, a Literatura sertaneja de beira-de-estrada – na linha do *Compendio Narrativo do Peregrino da América Latina* – e a Literatura fidalga da Zona da Mata – na linha de *A Corte de Provença*, de Zeferino Galvão (SUASSUNA, 1972, p. 494).

A fusão literária de Quaderna não agrada a seus mestres e eles afirmam que, mesmo com as suas aulas, a literatura de Quaderna continuava “a mais misturada e de mau gosto do mundo” (SUASSUNA, 1972, p. 129). Todavia, o charadista sertanejo, apesar dos esforços de seus tutores para influenciá-lo, não se posiciona nem do lado mais canônico, o de Samuel, nem do lado mais atrevido, o de Clemente. Isto irrita aos seus mestres, ambos puristas no que lhes concerne, que optam por desprezar a mistura literária e classificam Quaderna como “um autor de segunda ordem” (SUASSUNA, 1972, p. 131), que não tem o perfil esperado de um gênio da raça e que é incapaz de escrever qualquer coisa aproveitável e de livrar-se dos defeitos gravíssimos contraídos em contato com a literatura folhetinesca e com os romances de safadeza, cometendo na obra “o desvio heroico, o desvio obsceno e a galhofa demoníaca” (SUASSUNA, 1972, p. 444). Quaderna, no entanto, é um agregador. É a “Diana indecisa” das Cavalhadas que tem em seu figurino as cores do cordão azul e do encarnado, por não conseguir se posicionar entre um e outro, opta pelos dois (SUASSUNA, 1972, p. 62).

Quaderna é um mestiço, como de resto o é quase todo brasileiro. Enquanto Samuel, descrito como alourado, “um poeta do Sonho e pesquisador de legendas” (SUASSUNA, 1972, p. 118) que, ao fim e ao cabo, acaba por ser apenas godo-ibérico; e Clemente, “Um Negrinho bonito de cabelo bom”, deixado na porta do célebre latinista sertanejo Antônio Gomes de Arruda Barretto (SUASSUNA, 1972, p. 117), um tão somente negro-tapuia (origens que justificam a escolha literária de cada um deles), Quaderna, por sua vez, assim como a sua literatura, é uma mistura “de sangue árabe, godo, negro, judeu, malgaxe, suevo, berbere, fenício, latino, ibérico, cartaginês, troiano e cário-tapuia da Raça do Brasil!” (SUASSUNA, 1972, p. 342). Além da mistura do sangue-do-vai-e-volta que promove tanto a mistura poética quanto a étnica, sua mestiçaria possui um caráter formado pela baralhada das origens, ou, segundo sua tia Filipa, uma falta de

caráter (SUASSUNA, 1972, p. 62). O narrador é Monarquista de esquerda, unindo as duas pontas de posturas ideológicas contrárias de seus mestres e criando um círculo em movimento, nunca estável, sempre mutante.

Na tentativa de escrever uma obra universal, o trio Quaderna, Samuel e Clemente discute o fazer artístico, dando à *Pedra do Reino* o caráter teorizante de um tratado de estética literária dos emparedados (NUNES, 2010, p. 78). Todavia, como afirmamos, a proposta de Quaderna é rechaçada pelos seus mestres que desqualificam sua literatura, chamada de segunda ordem, ou seja, o fruto genuinamente brasileiro, a manifestação em amálgama de todas as nossas origens seria de menor valor. As razões apresentadas são várias, vamos por partes.

A literatura de Quaderna é de segunda ordem porque mistura técnicas de cantadores com a dos autores de folhetos (SUASSUNA, 1972, p. 71). Quaderna é também leitor de folhetos e almanques, foi aluno de Samuel e Clemente, e, como tal, leitor da literatura de primeira ordem, que para Samuel são as literaturas direitistas (SUASSUNA, 1972, p. 492) e, para Clemente, a literatura filosófico-revolucionária (SUASSUNA, 1972, p. 493). Neste ponto, a crítica dos mestres se amplia, eles apontam para um terreno movediço, a saber, o da nomenclatura e categorização de gêneros. Nessa via, acusam o companheiro de tertúlias de imprecisão no uso dos termos *folheto*, *folhetim* e *romance*. No entanto, aquele que não é marcado por qualquer caráter afirma que os assuntos dos folhetos, dos folhetins e dos romances recuperam a tradição clássica da epopeia, da lírica e do drama. Diante disso, Quaderna cria uma categoria compósita, a de epopeieta, e assume a ideia de que partindo da realidade rasa e cruel do mundo, “na arte a gente tem que ajeitar um pouco a realidade que, de outra forma, não caberia bem nas métricas da Poesia” (SUASSUNA, 1972, p. 22); em outros termos, é na arte que o mundo adquire sentido. Dessa forma, Quaderna mostra que a arte é a melhor maneira para exibir o universo aventureiro e performático criado por ele, a partir da mistura do erudito e popular, do cordão vermelho e azul, das teorias literárias de Samuel e Clemente, confirmando a possibilidade que chamaremos de mestiçaria brasileira, uma mistura encantada de gêneros.

Diversas influências teóricas e de gênero encontram-se no *Romance d’A Pedra do Reino*, como se houvesse uma tentativa de sintetizar todas essas referências. A poética de Quaderna se faz evidente na codificação das regras para a elaboração do romance do narrador. Sendo o idealizador de um romance completo, se é que isto é possível, recolhe elementos indispensáveis para sua obra; o argumento de Euclides Villar: “Tudo é uma questão de saber olhar” (SUASSUNA, 1972, p. 105), dá a Quaderna certeza de que a literatura apresenta a realidade de uma maneira diferente e que ele pode inclusive recriá-la. Segundo Lemos, *A Pedra do Reino* “tem o tom do riso – trágico – que liberta, que absolve pelo sonho, pela poesia” (LEMOS, 2007, p. 66). Destarte, a arte reflete a visão violenta da realidade e para a realidade vibrar nas métricas da poesia é necessário não ter medo de unir visões diferenciadas para que o novo possa ressurgir. O novo passa a ser um antigo revisitado a partir das mudanças da realidade que insiste em compor-se de muitas vertentes e tendências para se transformar em arte. No caso de Quaderna, a herança recebida do clássico, do medieval e do nacional (que já é em si misturado) é notória.

Suassuna ultrapassa a busca das heranças medievais do movimento armorial, vai mais longe e chega até a Antiguidade clássica. Discute nação de forma literária e poética. Cria um Édipo brasileiro. Um mestiço, profeta, uma espécie de fênix renascida. Assim, temos um Édipo que nasceu nas terras brasileiras, na língua portuguesa com toda sua poesia fonética – o que lhe permite mudar, inclusive, o nome de Édipo.

Por tudo isso, tomamos a liberdade de criar um termo que englobe o jogo poético, a irreverência no tratamento das heranças clássicas e medievais, a marca identitária criada: a “mestiçaria”, mestiçagem típica do brasileiro com a feitiçaria do cego decifrador, do profeta-poeta, do vidente contemporâneo, que

consegue ver no obscuro. Desse modo, buscando nosso passado europeu dramático (tragédias, comédias greco-latinas e autos medievais) e unindo o dramático e o épico, o autor dramático-épico Ariano Suassuna, ser duplo, imagem espelhada na ficção Quaderna, consegue proezas, frutos de uma mirada em espelhos que refletem de forma alterada o pensamento do autor. Tal como no teatro antigo, em que muitas vezes o autor é também ator e encenador, assim também Ariano, filósofo paraibano mascarado em Quaderna, será, no panorama literário, professor que profere “aulas-espetáculo” e mestiçarias de funções conscientemente planejadas.

Ao tratar do discurso do personagem, Ubersfeld aborda a praticidade das seis funções de Jakobson. Nesse contexto, a função conotativa aponta para a fala da personagem que “é ou pode ser ação” (UBERSFELD, 2010, p. 171). Ariano Suassuna, desdobrado em Quaderna, transforma *O romance d’ A Pedra do Reino* em drama. Na passagem de romance a drama, ele apela diretamente para o leitor, que se vê diante de um réu que roga por clemência “escutem, pois, nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos” (SUASSUNA, 1972, p. 6) e faz seu pedido: “ao coração magnânimo de Vossas Excelências. E, sobretudo, (...) aos brandos peitos das mulheres e filhas de Vossas excelências, e às brandas excelências de todas as mulheres que me ouvem” (SUASSUNA, 1972, p. 6). Destaque-se o termo “ouvir”, em nossa argumentação: que o texto escrito seja ouvido. Dessa forma, é como se o personagem protagonista, quando se dirige ao Corregedor, interpelasse simultaneamente o leitor, e compusesse sua cena tal qual se montasse o palco de sua apresentação. Coadjuvado por outras personagens, Quaderna arma o palco, utiliza a máscara e representa seu teatro<sup>1</sup> com as marcas do épico, do trágico e com os brasões e as bandeiras medievais. De forma que se vê Suassuna espelhado em personagem, ambos de máscaras teatrais.

A construção literária de Quaderna, um Suassuna desdobrado, é labiríntica, desde as suas aulas com João Melchíades quando ele era obrigado a malabarismos mentais para transformar uma forma literária em outra e dessa maneira dominar a técnica da *conversão* (da prosa em verso). O ápice dessa performance será chegar até a mestiçagem não apenas de textos, mas também dos mitos, lendas e fatos históricos apresentados de modo a estabelecer o seu romance-memorial-epopeico. Os folhetos tais como *A Trágica Desventura de Zumbi de Palmares* ou *A Marítima Odisseia de Um fidalgo Brasileiro*, contados em prosa por Clemente e Samuel, sofrem a conversão para o verso quando são recontados por Quaderna. Em seu processo de readaptação mestiça, ele acrescenta os seus versos como ingredientes que não existiam na prosa. O resultado, destarte, é, ao mesmo tempo, epopeico e folhetinesco. Nessa mestiçaria narrativa, Quaderna tem três enigmas a decifrar: o do crime de seu padrinho, o desaparecimento de seu primo e a maneira de se fazer o gênero narrativo.

No processo de busca por um gênero que se adequaria à sua escrita, o autor Quaderna (e talvez o seu desdobramento mascarado Ariano Suassuna) acaba por fazer a sua não opção, compondo uma narrativa tortuosa e labiríntica. A singularidade do resultado é, efetivamente, a obra que aqui estudamos e que comporta elementos de várias formas narrativas surpreendendo o leitor. Sendo um colecionador de textos – diascevesta – Quaderna-Suassuna recupera textos e formas de várias tradições literárias, reconhece o valor de cada um e os reconstrói decifrando-os como lhe convém na sua escritura. Dentro do enredo, o mesmo processo se dá: com o objetivo de se eximir das acusações do Corregedor e livrar-se da prisão, o decifrador charadista aproveita seu depoimento para a construção de sua Obra Máxima da Humanidade, o seu Castelo Poético.

Esse diascevesta, colecionador de textos que recupera e reforma os textos alheios, sente-se à vontade para ser o que Ubersfeld chama de “oximoro vivo”, dialogando com categorias contraditórias e centrando em si a tensão dramática (UBERSFELD, 2010, p. 78). Assim é que, com referentes textuais e extratextuais, a obra se erige. No enredo, a personagem tem retórica suficiente para, no labirinto criado, deixar o leitor satisfeito e escapar das garras do Corregedor. Se acaso alguma dúvida surgir durante o

1. É possível identificar vários gêneros narrativos presentes n’*A Pedra do Reino*, do memorial a uma peça processual.

depoimento, Quaderna apresentará as imagens com as xilogravuras de seu irmão Taparica; os mitos com a prosa poética presentes no *Folheto XLIV: A visagem da Moça Caetana*, e o horóscopo de almanaques aproveitado no *Folheto XIX com O Caso da coroa extraviada*, todas estratégias para distrair o leitor sem que ele perca o fio de Ariadne e para que o Corregedor seja devorado pelo minotauro.

Suassuna e seu desdobramento ficcional utilizam dessas estratégias e busca na Literatura Clássica diálogos com o antigo e o pós-antigo para romper com formalismos e cânones. Segundo Pereira (2007), na dissertação de mestrado intitulada *O rouco e castanho cantar de Suassuna*, o artista armorial “tem como premissa deixar visível a sua filiação à tradição, logo, de alguma forma acaba sempre por deixar transparecer no texto a autoria primaz da obra” (PEREIRA, 2007, p. 51).

Decerto, ao longo da *Pedra do Reino*, Suassuna revela-se conhecedor não apenas da literatura medieval, mas também da clássica, como indiciado pela presença do mito sempre revisitado, de forma que a história pertence não a quem inventou, mas, sim, a quem a conta. O seu contador é Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, é através dele que o leitor tem acesso ao mundo empírico de Suassuna; pelos olhos e voz de Quaderna, a mestiçaria literária se faz, pois Quaderna está em constante ato de criação.

## 1.1 A Pedra do Reino entre mitos e heróis

Apresentaremos alguns aspectos da tradição clássica presentes n’*A Pedra do Reino* que propiciam a construção literária de Quaderna, o decifrador, colecionador de textos, que se pretende ser aclamado como Gênio da Raça ao escrever a Obra Máxima da Humanidade. A estrutura proposta em seu projeto literário tem o Sertão como base do Reino, por onde desfilará história, guerras, mitos, guerreiros, enigmas e sobrenatural maravilhoso.

### 1.1.1 O aedo

Por tudo que se procurou demonstrar neste trabalho, podemos dizer que Suassuna, através de Quaderna, é o verdadeiro reflexo dos aedos antigos na mais nova epopeia nordestina. É ele quem dá a Quaderna uma origem nobre e divina e faz de Quaderna, já desde o primeiro folheto, o “cognominado ‘o Decifrador’, Rei do Quinto Império e Profeta da Igreja Católico-Sertaneja” (SUASSUNA, 1972, p. 5); tudo isso é informado aos “nobres senhores e as belas damas”, desde o princípio. Suassuna, o mesmo sujeito que assina a obra, é quem tenta interpretar e decifrar o mundo real do Sertão através da visualização em espelho da realidade sertaneja. Quaderna personagem é ajudado pela epilepsia e pelo vinho sagrado da Pedra do Reino, recriando a realidade magra, rasa e cruel do mundo.

Quaderna se intitula epopeieta. Segundo o Dicionário Houaiss, o sufixo -eta é formador de diminutivos ou de derivados indicativos de outra coisa ou é formador de substantivos derivados de verbos. Nas aproximadas 15 aparições da palavra “epopeieta” n’*A Pedra do Reino*, o termo não é diminutivo de epopeia e sim se refere ao escritor de epopeias, ou seja, Quaderna. Carvalho, em estudos acerca dos neologismos criados por Suassuna, afirma que a possibilidade mais cabível para o sufixo -eta é como formador de algo relacionado à base que lhe deu origem, pois “há uma ligação estreita entre a epopeia e a pessoa que escreve” (CARVALHO, 2011, p. 122). Tendo em vista que epopeia é uma obra longa, e escrita de acordo com determinados cânones, ao referir-se a si mesmo como epopeieta, Quaderna dá ao título a grandeza dos grandes escritores e não de um escritor de menor fôlego. Como aedo, ele é um contador de beira de estrada, exercendo o papel do itinerante, indo de cidade em cidade, contando a história para quem quiser ouvir e provocando o prazer em seu público que se sente encantado com as histórias narradas. O aedo

clássico possuía toda uma técnica mnemônica para repassar seus versos aos ouvintes. Quaderna, ao frequentar a escola de seu padrinho João Melchiádes, aprimora sua técnica.

Os aedos fazem questão de valorizar sua profissão em suas obras. Homero, na *Odisseia*, se autoglorifica através de outros aedos como Fêmio na corte de Ítaca e o mais famoso deles, Demódoco, o divino aedo da corte de Alcínoo que é recebido com toda deferência dada sua profissão: “Mandai vir o divino Demódoco, o aedo que obteve dos deuses poder deleitar-se com a música, como lhe pede o furor, que no peito a cantar o estimula”<sup>2</sup>. O mesmo faz Quaderna com o Cantador da Borborema e Lino Pedra-Verde. No *Folheto XXXVI: O gênio da raça e o cantador da Borborema*, o cantador da Borborema e padrinho de Quaderna é apresentado assim: “Como meu Pai, João Melchiádes era um pouco astrólogo, e era muito Poeta, como eu” (SUASSUNA, 1972, p. 178-179). Sobre sua profissão, o Cantador da Borborema assim se autodenomina:

Considero-me, apenasmente, um servo da Estrela das minhas posições zodiacais, um pequeno Instrutor poético-sertanejo, filantrópico e litúrgico! Minha base de escrever é traçar gracejos que não pendam para o lado licencioso e enredos vantajosos e heróicos, ainda que sejam imaginários! Gosto, também, de combater o Protestantismo e os novas-seitas, porque querem se afastar dos tracejados de luz da antiguidade católica! As coisas e histórias velhas influem muito para o progresso da Poesia: as histórias passadas recordam a memória imortal dos antístites e antepassados, revivendo na memória do Poeta, que, depois, faz chegar ao ouvido do mais rude o toque da Memória dos tempos idos! Eu Dinis, considero-me um “raro do Povo”! O Povo me considera um filho das Musas, e, por isso, me entende, me crê, me aplaude, me escuta e me atende, desde que comecei a escrever, no ano em que você nasceu, 1897 (SUASSUNA, 1972, p. 179).

A profissão de aedo para o cantador da Borborema é uma raridade no meio do povo e, por isto, o passado, o presente e o futuro são revividos na memória do poeta<sup>3</sup>. O aedo é o antístite, o sumo sacerdote a exercer sua função através da memória, como afirma Detienne: “Função religiosa, a memória era o fundamento da palavra poética e o estatuto privilegiado do poeta” (1988, p. 57). Como filho das Musas, a palavra do Cantador da Borborema tem crédito, o povo acredita nas histórias do poeta, pois duvidar dessas palavras seria duvidar das musas, tanto na Grécia em que elas são filhas de Zeus, quanto no Sertão, em que elas são gaviões.

## 1.2 O criador de mitos

Segundo Pereira, para a realização desta empreitada, Suassuna explora: “a construção de um romance *“mais épico, trágico e sertanejo-terrestre”*<sup>4</sup>, de modo que a dimensão guerreira e trágica é acentuada através da narração da Guerra do Sertão Paraibano, contada através dos seus três principais episódios – 1912<sup>5</sup>,

2. Cf. HOMERO, *Odisseia*, VIII, 43-45. As traduções de Homero são de Carlos Alberto Nunes.

3. Recorde-se Hesíodo, *Teogonia*, v. 33.

4. Suassuna. *O rei degolado*, 1977, p. 129 *apud* PEREIRA, 2007, p.72.

5. Padre Cícero Romão Batista, líder religioso venerado por milhares de camponeses em Juazeiro do Norte, sertão do Cariri, no estado do Ceará, por conta de um milagre que a Igreja Católica havia considerado como embuste, é suspenso da ordem e proibido de officiar atos religiosos. Privado dos misteres religiosos, padre Cícero dedica-se à política, atendendo a apelos dos amigos, como Antônio Nogueira Acioli, então Governador do Estado do Ceará, padre Alencar Peixoto, Dr. Floro Bartolomeu da Costa, entre outros. Ao lado destes, Padre Cícero empreende o movimento a favor da emancipação de Juazeiro do Norte da jurisdição do Crato, fato consumado com êxito em 22 de Julho de 1911. Em 1912, trava uma batalha entre o governo federal e o movimento emancipacionista que obriga padre Cícero a deixar a Câmara. Os fazendeiros armam centenas de sertanejos, inclusive jagunços e cangaceiros, e os enviam à capital. O Movimento triunfa. Um acordo com o religioso leva à renúncia de Franco Rabelo. Padre Cícero é reconduzido ao cargo de presidente da Câmara de Juazeiro, onde permanece até 1927. Padre Cícero aumenta sua influência sobre a população sertaneja, que o venera como santo, até os dias atuais. Cf. Larousse Cultural - Brasil A/Z, 1988; Almanaque Abril, 1997 *apud* PEREIRA, 2007, p. 72.

1926<sup>6</sup> e 1930<sup>7</sup>, o que propõe um romance ativo e heroico, evocando o tom mítico desta obra” (PEREIRA, 2007, p. 72). Tais acontecimentos são recontados por Suassuna já transformados pela voz do povo, no formato de mito e lenda popular.

Ao misturar mito e história do Brasil, Suassuna utiliza um recurso próprio de se fazer epopeia. Segundo Colombani, os assuntos presentes nas epopeias são mais que criações do aedo: “Os temas se referiam a um pretérito heroico narrado pelo aedo, que os gregos, como já dissemos, acreditavam real e não produto de sua imaginação”<sup>8</sup>, ou seja, são assuntos que fazem parte da tradição de uma sociedade e estão próximos dos ouvintes, que tinham prazer em ouvir os aedos. A partir dos fatos históricos, Suassuna cria heróis míticos e epopeicos na voz de seus personagens. O caráter histórico dá à narrativa o tom epopeico. Nesse sentido, Pereira aponta para uma temporalidade mítica na criação de Suassuna e n’A *Pedra do Reino*, através da Filosofia do Penetral, Quaderna nos apresenta o seguinte mito de criação negro-tapuaia:

(...) sendo o Sol macho-e-fêmea do Divino e gerador de tudo, os homens primitivos descendiam do cruzamento de um deus com um bicho ou pássaro, sendo que, como Clemente afirma sempre, “o animal mítico e gerador por excelência da Raça humana foi a Onça” (SUASSUNA, 1972, p. 320).

Segundo a referida filosofia, o Sertão é o berço da raça humana, pois é a terra mais antiga do mundo. Dito isto, Quaderna, semelhante a Hesíodo, apresenta mais um mito de geração da mitologia negro-tapuaia de Clemente:

Como me explicou Clemente, Senhor Corregedor, foi das trepadas das Divindades solares entre si que nasceram a Terra e a Água, mijadas por eles. Depois, daí em diante, o mais foi fácil: pingos de gala de Deuses machos ou pingos de boi de Deusas fêmeas que caíam no barro da Terra, fazem nascer ou bichos ou plantas. Se um Deus qualquer, depois daí, trepa com uma Veada, ou se uma Deusa se deixa cobrir por um Pavão ou por um Gavião, nasce um homem ou uma mulher, conforme o caso. Foi, portanto, dessas trepadas das Divindades tapuias com Onças, os Gaviões, os Bodes, as Cabras, os Veados e outros bichos, que nasceram os Tapuios castanhos, antepassados diretos dos Sertanejos e indiretos de todos os outros homens (SUASSUNA, 1972, p. 475-476).

6. Em 5 de Julho de 1924, estoura uma revolução em São Paulo, liderada por militares que exigem o fim da corrupção, maior representatividade política, voto secreto e justiça. O acontecimento ficou conhecido como o Movimento dos Tenentes. Com o fracasso do Movimento, Luís Carlos Prestes, oficial do exército brasileiro, assume a liderança de uma coluna de mil homens armados que têm como intenção percorrer todo o interior do Brasil a fim de fazer a revolução, destituindo o presidente Arthur Bernardes. A Coluna Prestes, como ficou conhecido o movimento, percorreu cerca de 24 mil quilômetros. Uma lenda formou-se em torno desta longa marcha, o que valeu a Prestes o apelido de Cavaleiro da Esperança. Sua chegada ao Nordeste provocou uma intensa agitação dos coronéis contra este revolucionário e, mais uma vez, recorreu-se a Padre Cícero, que encarregou o bando do cangaceiro Lampião de destruir o ‘invasor’. Conta-se que Lampião aceitou a bênção de Padre Cícero e as armas, mas evitou cuidadosamente um encontro com Prestes. O país caminhava para a Revolução de 30 que culminaria com a ascensão de Getúlio Vargas. Luís Carlos Prestes funda o Partido Comunista, torna-se seu líder e atua ativamente na tentativa de tomada do poder em 1935. Cf. Almanaque Abril, 1997 *apud* PEREIRA, 2007, p. 73.

7. A revolta da Princesa ocorreu no sertão da Paraíba no ano de 1930 na luta do ‘coronel’ José Pereira com o governador João Pessoa. Os moradores de Princesa resistem aos ataques de João Pessoa, proclamam-se independentes da Paraíba e criam o Território da Princesa, com bandeira, hino e leis próprias. João Pessoa tenta nova investida e apela para a guerra psicológica, mas a resistência continua. Os homens do ‘coronel’ José Pereira, usando táticas de guerrilha, espalham sua ação pelo sertão, dando a entender que o conflito seria longo. Mas a luta estava para terminar, com um desfecho imprevisto. No dia 26 de Julho, João Pessoa foi assassinado no Recife por um desafeto, João Dantas. Com a morte do chefe inimigo, José Pereira chegou à conclusão que não tinha mais razões para lutar. Deixou sua terra, Princesa, e foi para Serra Talhada, em Pernambuco. Em Agosto, soldados do 21º Batalhão de Caçadores, obedecendo a uma determinação do presidente Washington Luiz, entraram em Princesa. Dois meses depois, foram substituídos por tropas da Polícia Militar. Com um saldo de 600 mortos, o município voltou a fazer parte da Paraíba”. MARTINS, Franklin. Coronel x Governador. *A revolta da Princesa*. Disponível em: [http://www.franklinmartins.com.br/estacao\\_historia\\_artigo.php?titulo=coronel-x-governador-a-revolta-da-princesa](http://www.franklinmartins.com.br/estacao_historia_artigo.php?titulo=coronel-x-governador-a-revolta-da-princesa).

8. Tradução nossa, COLOMBANI, 2005, p. 7: *Los temas que se refiere a un pasado heroico narrado por el bardo, los griegos, como hemos dicho, creían real y no el producto de tu imaginación.*

O pacto mítico é estabelecido com o Corregedor, dona Margarida e com o leitor. Quaderna é o aedo, o rapsodo que foi escolhido pelos deuses para revelar os fatos imemoriais. Sua palavra é sagrada como a do profeta e inquestionável. O leitor aceita o pacto, afinal, a invocação às musas aconteceu no início e demarcou o tom mítico da narrativa, “Ave Musa incandescente / cante as pedras encantadas” (SUASSUNA, 1972, p. 2). Esse tom é mantido por todo o texto com os constantes chamamentos às “nobres Senhoras e belas Damas de peitos brandos”, já que esta invocação aparece não apenas na invocação à Musa, mas em vários trechos dos seguintes folhetos: *I: Pequeno cantar acadêmico a modo de Introdução* (p. 6); *II: O caso da estranha cavalgada* (p. 17); *IV: O caso do fazendeiro degolado* (p. 30); *V: Primeira notícia dos Quadernas e da Pedra do reino* (p. 34); *XXXIX: O cordão azul e o cordão encarnado* (p.195); *XL: O cantar dos nossos cavalos* (p. 217); *XLII: O duelo* (p. 228); *XLVI: O reino da Pedra Fina* (p. 257); *XLVIII: A confissão da possessa* (p. 266); *LIV: A parada dos fidalgos sertanejos* (p. 315); *LVII: Invasão e tomada da vila* (p. 335); *LXIV: A cachorra cantadeira e o anel misterioso* (p. 371); *LXV: De novo a Pedra do Reino* (p. 377 e 378); *LXXII: O almoço do profeta* (p. 450); *LXXV: O ajudante de profeta* (p. 489); *LXXXI: A cantiga da velha do badalo* (p. 582); *LXXXV: A sagração do gênio brasileiro desconhecido* (p. 617 e 620).

Nosso protagonista, no entanto, é um herói covarde, bom para o reino, no qual tudo é ficção. Sabor do que houve com seus antepassados, todos os reis degolados, opta por restaurar o reino a partir da construção de um castelo literário, mas não deseja correr o risco da degola. Ele se propõe a ser o próximo rei encantado, um rei ao contrário do Execrável, um esfíngico Quaderna Decifrador de Charadas, e, de forma desmedida, persegue o título de “Gênio da Raça”, uma mistura entre um Aquiles ou um Eneias e Édipo, uma mestiçaria brasileira.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, S. P. P. *As muitas Faces de uma Pedra: o universo lexical da obra em prosa de Suassuna*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.
- COLOMBANI, M. C. *Homero. Iliada: uma introducción crítica*. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2005.
- DETIENNE, M. *A Invenção da Mitologia*. Tradução André Telles. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, D.F.: UnB, 1998.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- LEMOS, A. P. S. *Ariano Suassuna, o palhaço-professor e sua Pedra do Reino*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada), Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- NUNES, G. P. *As ressonâncias da literatura popular do nordeste no Romance da Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Faculdade de Letras. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.
- \_\_\_\_\_. A imaginação quadernesca como o palco do Romance d'A Pedra do Reino. In: *Revista Crioula*, nº 1. USP, maio, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/>. Acesso em 15 set. 2013.
- PEREIRA, E. G. *O rouco e castanho cantar de Ariano Suassuna: 'o rei degolado nas caatingas do sertão ao sol da onça Caetana', uma proposta de leitura dos valores carolíngios*. Dissertação (mestrado em Estudos Românicos). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007.
- SUASSUNA, A. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972.
- UBERSFELD, A. *Para ler o teatro*. Tradução de José Simões. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Recebido em 12 de outubro de 2015.  
Aprovado em 11 de novembro de 2015